



Associação Portuguesa das Empresas
do Setor Elétrico e Eletrónico

Síntese de Conjuntura Setor Elétrico e Eletrónico 4º Trimestre 2019

Crescimento global mais lento de 2019 a 2021

1.CONJUNTURA SETORIAL

Nota: Os índices que se seguem resultam da média aritmética das respostas das empresas associadas, segundo uma escala qualitativa de **1 a 5**, em que 1 corresponde ao valor mais desfavorável e 5 ao mais favorável.

1.1 Vendas/Comercial

	4º Trim 2019	1º Trim 2020
Vol. Negócios mercado nacional	3,1	3,3
Vol. Negócios mercado externo	3,3	3,3
Seguro de crédito à exportação	3,0	3,0

O último trimestre do ano não apresentou praticamente variação relativamente ao trimestre anterior, no que toca ao nível de Volume de Negócios, quer a nível nacional, quer externo.

O seguro de crédito à exportação apresenta valores satisfatórios.

1.2 Investimento

	4º Trim 2019	1º Trim 2020
Realização de investimento	2,8	2,8
Aprovação de projetos no âmbito do PT2020	2,5	3,3
Recebimento de participações do PT2020	3,3	3,3

Verificou-se uma clara desaceleração no investimento no final do ano. Foram também poucas as empresas a iniciarem novos projetos no âmbito do PT2020 no 4º trimestre do ano, projetando-os antes para o 1º trimestre de 2020, como seria de esperar.

Relativamente ao recebimento de participações, a perspectiva é razoável, quer para final de 2019, quer para início de 2020.

1.3 Situação Financeira

	4º Trim 2019	1º Trim 2020
Tesouraria – nível de liquidez	3,6	3,6
Dívidas de clientes privados	3,6	3,5
Dívidas do Estado à empresa	3,6	3,5
Acesso crédito bancário (ex: nív. rácios exigidos)	3,6	3,7
Custo do crédito bancário	2,0	2,1

O nível de liquidez das empresas manteve-se e perspectiva-se estabilidade em 2020, tal como no recebimento de dívidas de clientes privados; as perspectivas de recuperação das dívidas do Estado às empresas pioraram um pouco no final do ano e relativamente ao 1º trimestre de 2020.

Dentro das poucas empresas associadas que recorreram ao crédito bancário, as mesmas reportam ligeira melhoria das condições de acesso. Os níveis de satisfação descem, no entanto, bastante no que toca ao custo do crédito, tendo piorado no final de 2019 e não se prevendo melhoria.

1.4 Emprego

	4º Trim 2019	1º Trim 2020
Recurso a Emprego Qualificado	3,1	3,2
Recurso a Emprego não Qualificado	3,3	3,4

A procura de mão-de-obra qualificada piorou um pouco no final do ano mas mantém-se num nível de satisfação aceitável. As perspectivas pioraram no que toca à mão-de-obra não qualificada.

2. CONJUNTURA PORTUGUESA

Apresentam-se as previsões mais recentes do Banco de Portugal (BdP) para a economia portuguesa:

	2019(p)	2020(p)
PIB	2,0	1,7
Consumo Privado	2,3	2,1
Consumo Público	0,5	0,8
Investimento (FBCF)	7,3	5,4
Exportações	2,8	2,6
Importações	5,4	4,6
IHPC	0,3	0,9

Fonte: Banco de Portugal (dezembro de 2019)

Na atualização das suas projeções mais recentes, o Banco de Portugal mantém projeção de crescimento em 1,7% para 2019, mas reviu 2020 em baixa (1,7%), duas décimas abaixo da expectativa do Governo.

As mesmas projeções mostram um contributo para o crescimento do PIB da procura progressivamente menor, uma procura externa mais fraca e ganhos de quota de mercado de magnitude inferior. O consumo privado, apesar de ter acelerado um pouco em 2019, com uma subida do rendimento disponível, abrandará depois o ritmo nos dois anos seguintes. De qualquer forma, o BdP faz notar que o modelo de crescimento da economia nacional se alterou e que o PIB vai crescer mais sustentado pela procura interna, do que pelas exportações.

Como consequência, a balança comercial vai voltar a registar um défice já este ano (de 0,5% do PIB), depois de sete anos de excedentes. Em 2020 e em 2021 a economia portuguesa vai continuar a importar mais do que exporta, registando défices comerciais crescentes: 0,7% em 2020 e 1,1% em 2021. O que não implica necessariamente o regresso a um crescimento sustentado em dívida, dependerá do equilíbrio entre investimento e consumo e do tipo de investimento que a economia portuguesa está a fazer.

2019 terá sido ainda um ano de forte investimento (8,7%), que deverá abrandar em 2020 e 2021. E o investimento produtivo, empresarial, ultrapassará em 2019 o nível do crescimento pré-crise.

Até 2021, não se antecipa um aumento do crescimento potencial da economia. O saldo da balança corrente e de capital só não fica negativo porque haverá transferências da UE a compensar, bem como pagamentos menores de juros. Mas o saldo é cada vez menos excedentário.

4. CONJUNTURA INTERNACIONAL

PIB	2019	2020
MUNDO	2,9	3,3
EUA	2,3	2,0
UE – ZONA EURO	1,2	1,3
Alemanha	0,5	1,1
França	1,3	1,3
Espanha	2,0	1,6
Itália	0,2	0,5
Reino Unido	1,3	1,4
PORTUGAL	2,0	1,7
Brasil	1,2	2,2
México	0,0	1,1
China	6,1	6,0
Índia	4,8	5,8
Japão	1,0	0,7
Rússia	1,1	1,9

Fonte: WEO FMI – Janeiro 2020

O FMI baixou as projeções para a economia mundial, estimando crescimentos de 2,9% em 2019, de 3,3% em 2020 e de 3,4% em 2021, sobretudo penalizados pelo desempenho de economias emergentes como a Índia.

"A revisão em baixa (face a outubro de 2019) reflete sobretudo os resultados inesperados negativos da atividade económica em algumas economias de mercados emergentes, em particular a Índia, que levaram a uma reavaliação das perspetivas de crescimento dos próximos dois anos. Em alguns casos, esta reavaliação também reflete o impacto de uma maior insatisfação social", verificando-se que "o crescimento global está preguiçoso".

Pela positiva, o FMI refere que "o sentimento dos mercados foi estimulado por sinais de que a atividade industrial e o comércio internacional estarão perto da retoma; por uma reorientação geral no sentido de uma política monetária acomodatória; por notícias intermitentemente favoráveis acerca das negociações comerciais entre os EUA e a China; e por menos receios quanto a um Brexit sem acordo".

Estes fatores levaram a "algum recuo no contexto de exposição ao risco que prevalecia na publicação do último relatório em outubro", mas também não há sinais visíveis de que se esteja próximo de um ponto de inflexão".

Apesar da projeção de crescimento de base mais débil, a evolução desde o quarto trimestre de 2019 "deixa antever um conjunto de riscos para a atividade mundial menos tendentes a uma evolução negativa".

"Estes primeiros sinais de estabilização podem persistir e eventualmente reforçar a ligação entre o consumo privado, que continua resiliente, e um aumento do investimento das empresas", considera Kristalina Georgieva, acrescentando que "um impulso adicional poderá vir de uma dissipação das resistências idiossincráticas em mercados-chave emergentes, a par do efeito da flexibilização da política monetária".

Ainda assim, o FMI adverte que "os riscos de deterioração continuam a ser consideráveis" e incluem a agudização das tensões geopolíticas, particularmente entre os EUA e o Irão, o aumento da instabilidade social, uma nova deterioração das relações entre os EUA e os seus parceiros comerciais e um aprofundamento das fricções económicas entre outros países.

No relatório agora divulgado, o FMI defende que para fortalecer a atividade económica e prevenir os riscos "é indispensável uma cooperação multilateral mais sólida e uma combinação mais equilibrada das políticas nacionais dos vários países, tendo em conta a margem monetária e fiscal disponível".

Os principais objetivos apontados continuam a ser "desenvolver a resiliência financeira, fortalecer o potencial de crescimento e fomentar a inclusão", sendo necessária uma mais estreita cooperação transfronteiriça em diversas áreas para responder aos problemas de regulação do sistema comercial, reduzir as emissões de gases com efeito de estufa e fortalecer a arquitetura tributária internacional.